

LUCTADOR

ASSIGNATURAS

TRIMESTRE

Côrte e Nictheroy... 2\$000

Periodico Critico, Litterario e Scientifico

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

TRIMESTRE

Provincias..... 2\$506

COBRESPONDENCIAS, A' RUA DE S. JOSE' N. 47.

Anno I.

Rio, 20 de Maio de 1883

N. 3

LUCTADOR

Rio, 20 de maio de 1883.

Antes de penetrarmos com o leitor nos collegios, digamos primitivamente para que fim foram fundados e qual a sua utilidade.

O collegio fundado para ministrar a mocidade tanto a educação como a illustração, deve ser franqueado a todas as classes.

Não se deve alli distinguir o rico do pobre, o negro do branco.

Foi com esta intenção talvez que o governo instituiu o collegio publico. N'este, mais do que no particular, deve a distincção deixar de existir. Com effeito, emquanto no collegio particular a illustração é fornecida conforme a pensão mensal do alumno, no publico o mestre é pago para educar e illustrar a todos os seus alumnos igualmente.

Ainda que n'aquelle, o mestre infringindo o seu dever, dê mais attenção ao

rico porque paga-lhe melhor, n'este pelo contrario, o pobre é o que tem mais direito porque o collegio publico foi fundado especialmente para elle, que não sendo protegido pela sorte, vê-se constantemente humilhado por ella.

Para elle que tambem tem o direito de aspirar á gloria; que tendo um coração sempre animado pela esperança e um cérebro onde existe um talento muitas vezes robusto, vê-se prohibido de attingir um futuro brilhante. No entretanto desde os collegios até as academias, elles são sempre fitados com desprezo não só por seus proprios collegas como tambem pelos lentes.

Sempre a maldicta lei do proteccionismo e do preconceito da qual estão excluidos, vem destruir-lhes os sonhos dourados, que, debruçados sobre os livros nas noites de vigalias, elles procuram debalde realizar. E' tristissimo o quadro que se apresenta á vista do espectador, nos proprios collegios publicos.

O professor que na maxima parte das vezes tem alumnos pagos, dedica-lhes toda a attenção e deixa os outros entre-

lhes.

São poucos os professores publicos que têm apresentado alumnos pobres habilitados para prestarem exame de portuguez.

Os meninos demoram-se quatro, cinco e até seis annos no collegios, e, além de serem os pais continuamente explorados pelos professores que compõem obras, como arithmetica, grammatica etc, e que vendem sem o minimo abatimento, sahem apenas sabendo as quatro operações e lendo a Adolescencia de Zaluar.

Quanto á grammatica, ou um pouco de analyse..... nem fumaça.

Dirão que elles não têm intelligencia, pois é possivel que a intelligencia só esteja no craneo dos ricos? Não.

E' a falta de protecção. O mestre não tem interesse que o alumnos saiam sabendo alguma cousa e não desejando commodar-se com elles, tanto se lhe dá que estejam ahi cinco annos, ou dez, que aprendam ou não. Elle não os examina e as sabbatinas tão uteis já cahiram em desuso. Isto não é ensino livre é apenas

FOLHETIM

THEATRICES

O estado actual do nosso theatro é desanimador. E' uma miseria não possuirmos um theatro nacional.

A magica e a opereta nos reduziram a esse estado vergonhoso, a esse descalabro inaudito. A opereta é uma epidemia.

A melhor producção dramatica é desprezada se não estiver recheiada de ditos maliciosos, immoraes mesmo e com o passaporte de alguns pedacinhos de musica de Offenback ou qualquer outro ao paladar estragado de nosso publico.

O homem sisudo se vê em serios embarços quando quer levar sua familia ao espectaculo, porque o fim do theatro não é só recrear.

E' preciso que nos convençamos, que o theatro não é apenas um divertimento assim como o romance não é simplesmente uma bonita leitura; é necessario que se reuna o util ao agradável.

O theatro como o romance intrue delectando.

Não quero fallar d'aquelles dramas que já cahiram em desuso, que nem divertem nem instruem, cujo fim unicamente é fazer-nos experimentar sensações fortes.

Eu fallo da escola moderna e especialmente n'essa de Emilio Zola, que precisa ser inculcada nos nossos theatros com a devida cautela visto, que o nosso publico inda não está bem preparado para ella.

A escola realista é na verdade a unica que me parece consentanea com o bom senso, porque, instrue, educa e moralisa.

Apresentar o vicio com toda a sua naturalidade, os costumes retrogradados taes quaes elles

são, ridicularisal-os, estigmatisal-os - eis um fim instructivo, educativo e moralizador.

E a proposito do realismo, temos um drama do Sr. Cardoso da Motta, — *a Adultera* — amoldado a esta escola. O Sr. Cardoso da Motta, a quem não tenho a honra de conhecer pessoalmente, escreveu um drama e naturalmente não tendo onde o fizesse representar em theatro publico, o confiou a alguns distinctos amadores, que o levaram á scena em recita particular do club Vasques.

O seu drama não é um primor, é um tentamen, é uma estréa. Tem defeitos?

Sim, tem. Alguns dos quaes se tornariam bem sensiveis se partissem de um dramaturgo provecto.

Alguns de seus defeitos de somenos importancia, devem ser notados, visto partirem de um principiante para que não os reproduza mais tarde—esse é o meu fito.

Escolheu para sua these o adulterio.

Escolheu bem?

Não me parece.

O adulterio é uma these muito explorada

preguiça, desleixo. O governo paga-lhes pontualmente e é o que serve.

E quem quizer estudar alguma coisa pague é o que elle ensinará, mas quanto ao resto... e muito melhor ter-se boa maquina no bôlço, e, enquanto os monitores ensinam aos que sabem tanto como elles, dormir-se á sêsta ou espichar-se na cadeira bocejando com a tranquillidade de quem acaba de fazer uma boa acção.

Quanto aos collegios particulares, me abtenho de penetrar n'elles.

Ahi o pai pobre que tiver a fraca lembrança de pôr lá o filho no intuito de aprender alguma coisa, pôde estar na certeza de que não o achará com exame de portuguez senão no fim de alguns seis annos.

Nós tambem estivemos em mais de um collegio desde o publico até o particular e desde o particular até a academia.

Assim, pois, o que mostramos ao leitor não é uma chimera, é a verdade. Foram factos observados e que desafiamos áquelle que tendo frequentado os collegios nos diga sinceramente que tal não vio. E' miserrimo em nosso paiz o estado dos collegios!

Mesmo ahi n'este sanctuario em que a mocidade vai render culto á sciencia, penetra como em toda a parte a imagem sacrilega da protecção que envia um sarcasmo áquelles que não se vêem collocar sob as suas azas.

e encarada sobre quasi todos os pontos de vista, e se bem que o adulterio seja um facto de todos os dias, todavia as causas são quasi sempre as mesmas, n'estas circumstancias é necessario ter-se muita força de imaginação e de invenção!

O Sr. Cardoso da Motta, n'esse ponto podia ter sido mais feliz; a sua these, porém, se não foi desenvolvida com a pericia de um mestre, revelou bastante talento, estudo e meditação.

O que especialmente notei, foi uma precipitação, que a meu vêr não havia motivo, porém esse é o maior defeito da mocidade—é o querer correr, voar para depois cançar e... cair!

Um dos personagens do drama o Visconde, é um typo que merecia mais attenção, o personagem não é lá muito correcto.

Um defeito que tambem notei, foi a extensão de alguns dialogos, não é isso um desdouro, mas fatiga o espectador que perde o interesse na scena e muitas vezes o fio do enredo; o dramaturgo deve sempre ter em vista, que o seu drama é uma peça cujo effeito está na exhibição e não na leitura.

VISITAS

Fomos visitados pelo *Evolucionista*, e *Poeta*, jornaes mensaes que se publicam n'esta corte, o primeiro já no 5.º numero e o 2.º no primeiro.

No primeiro nota-se que por falta de pontos de admiração, os typographos arranjaram a letra l em substituição. Isto enfeia bastante uma boa poesia do Sr. Honório Nascimento.

Quanto ao mais... é bom.

No segundo nota-se no *Devaneio* um lyrisimo exagerado e o Sr. *Carambolos* no *Cherchez la femme* com certeza não carambolou na immundicie.

O Sr. Honório Pinto deitou realismo no *gorducho rosto do sol*. Sim, senhor, ha-de fazer escola.

O Sr. Americo Guimarães precisa ter mais cuidado com as suas produções, pois que a muita leitura o perdeu.

O Sr. *Boiardo* dá uma popularidade ao Sr. Carlos Machado.... mais de vagar, meu caro, isto não vai a matar!

No mais, o *Poeta* é um jornal que promette, tendo apenas estes senões devidos talvez á pouca pratica dos redactores.

—Recebemos tambem a *Gazetinha Aguiá de Ouro*, n. 17 que, como sempre, vem espirotuosa e catita.

—A *Cruzada*, n. 10, anno II; traz bons artigos e excellentes poesias.

—A *Gazeta Academica*, 1.º, 2.º e 3.º numeros. E' uma boa publicação, apenas notamos que os alexandrinos não seguem a regra do hemistichio.

Aquelle dialogo do 3.º acto principalmente, é muito extenso.

Tambem a revelação do segredo merecia alguns retoques.

Todo o 3.º acto aliás soffivel, merecia mais desenvolvimento.

Existem ainda alguns outros pequenos defeitos com os quaes me não posso occupar, visto a falta de espaço e de tempo.

Cumpr-me agora enumerar as suas bellezas, as passagens com que sympathisei.

Existem scenas que revelam não só estudo como muito bom gosto.

A scena do 2.º acto do creado é simplesmente esplendida, o final do mesmo acto é magnifico.

Quanto aos typos.....

A protagonista é um typo bem descripto, o Dr. felicissimo, o galan um pouco ingenuo, mas satisfaz bastante.

Esquecia-me de fallar n'um defeito, que muita gente notou, que afinal de contas não acho razão.

E' o final do drama.

—O *Corsario*, n. 95.

A todos agradecemos, comprimendo-os.

LITTERATURA

LITTERATURA CHINEZA

A China, este paiz tão notavel quão antigo, possue, bem como a India, uma litteratura interessante e bella.

Bem se deixa vêr que n'ella encontrarão aquelles que não attenderem a certos factos *mesologicos* muitos defeitos ora de religião, ora de philosophia que se não pôde aceitar presentemente.

Salvos estes defeitos, ella se apresenta com todo o seu brilhantismo verdadeiramente oriental.

As obras mais notaveis da litteratura chinesa, acham-se em cento e sessenta mil volumes, tendo sido colleccionadas no tempo do imperador *Hien-kung*.

Como os *Vedas* indianos e o *Zend-Avesta* persico, ha na China os *Kings* que são os trabalhos litterarios mais antigos.

Foi *Confucio*, o celebre philosopho, quem ordenou estes thesouros litterarios.

Ainda ahi não parou o seu labutar, compôz elle mais outras obras moraes e depois dos livros religiosos (*Kings*) são as suas obras e as de *Mencio* consideradas de segunda ordem.

A poesia é bastante cultivada, não havendo sabio algum que não houvesse feito versos.

Mas o que queriam?

Que a adúltera se suicidasse, que a matassem, que se arrependesse?

Mas, isto seria poetico de mais para uma — mendiga de sentimentos — na phrase do author.

A meu ver, o melhor castigo que poderia ter aquella mulher, era a prostituição.

A prostituição será uma felicidade?

Eu ainda não encaro a vida por esse prisma, que considere uma felicidade a prostituição, e creio mesmo, que não exista um prazer sincero n'essa vida desgraçada!

O drama é regular, é mesmo bom, eu comprimto o autor e lhe aconselho mais cuidado para outra vez e me desculpe se, na minha linguagem houve severidade de mais; creia,

porém, que só me animaram boas intenções depois merecem sinceros applausos aquelles que ainda tentam erguer o theatro dramatico do l-thargo em que o lançou o indifferen-

tismo de nosso povo.

Rio—1883.

LEONCIO D'ALBUQUERQUE.

Aquelles que os não fazem são comparados a *flôres sem perfume*.

Este progresso poetico é devido a *Confúcio*, pois que reputa-se ser d'elle este dicto: — *Quem não cultiva a poesia nem se exercita em escrever versos, nunca fallará bem.*

Apezar da predilecção para a poesia, contudo sua litteratura não possui poemas épicos nem satyras, tendo apenas dithyrambos e poesias irregulares.

No genero dramatico é cita lo o *Orphão de Tchão*, que excede a qualquer descripção característica da China, e no genero tragico a *Tristeza de Han*, embora a tragedia entre elles não fórme genero distincto.

N'ella narra-se o costume dos imperadores que davam aos Tartaros suas filhas, impedindo d'este modo os seus ataques.

Houve uma época (seculo VIII) em que raioi uma nova aurora para o theatro, apresentando-se oitenta auctores para quatro centos e noventa dramas, contando-se entre os auctores algumas damas de reputação duvidosa.

Este theatro denominado *Aristocratico* tem á sua frente um outro o *popular* que é muito concorrido.

Ha representações que duram alguns dias. Em alguns dramas nota-se a depravação de costumes.

Os theatros chinezes são especiaes; uma mesa serve de palco e tres pedaços de algodão amparados por alguns bambús corôam a obra. As senhoras assistem á representação sem contudo serem vistas.

Nos romances elles não se deixam arrastar por phantasias e com o auxilio da razão tornam-se agradaveis.

Ha um romance em 100 volumes cujo assumpto é um droguita enriquecido que conquista empregos publicos á força de dinheiro.

A eloquencia não é rara na China, ten lo o imperador *Hung-lí* mandado coordenar os discursos dos ministros. Entre os oradores notam-se *Li-ssé*, *Vang-beng*, *Yuen-ching*, *Che-Kié*, *Sé-ma-kwang* e outros de menos importancia.

Quanto á historia, legalmente um imperador não podia lêr o que se escrevia a respeito do seu reinado, sendo por isso a historia sincera.

Entre os historiadores notam-se *Confúcio*, pela sua *Historia do reinado de Lu*, *Ssé-mat-sian*, *Suché*, *Ssé-ma-Kuang*, *Mu-tuan-lin* e outros.

O imperador *Chi-houng-tí* mandou queimar todos os livros, mas apezar disso, muitos monumentos escaparam e mais tarde *Vu-tí* reuniu-os para escrever a historia dos tempos passados. Isto produziu as *Memorias historicas*, a *historia dos Sung* e sessenta grossos volumes até o seculo XVII.

Já se vê, pois, que ella não é tão destituida de importancia.

FLAVIO GONTRAND.

CORREIO

Sr. L. Pessanha.—Publicamos hoje, um dos seus primeiros logogriphos, os outros o succederão.

×

Sr. Arthur Duarte.—Publicamos a sua esplendida poesia denominada—o *Sabiá*,—quanto á outra somente no proximo numero.

×

Sr. Nada.—Ahi vai a sua carta *apologética*. É uma eminente prova de quem não teme nem os microbios nem a cremação.

×

Sr. Sylvio de La Tour.—A sua poesia produz choques electricos...e faz-nos sonhar com as judias do levante.

Estoure o Champagne ..

Fazem annos: hoje, as Exmas S.as DD. Guilhermina Fontella e Henriqueta Maria do Espirito Santo; á 21 do corrente o illm. sr. Dr. João Antonio de Oliveira Magioli e á 23 a mimosa *Binha*, sobrinha do nosso amavel e sympathico collega Leoncio de Albuquerque.

POESIAS

O SABIÁ.

E como o murmurar sonoro das cascatas,
Ouvi a sua voz plangente e maviosa
Como um hymno atirado á negridão das matas.
Oh sim! inda me lembro, a tarde era serena.
A brisa soluçava em voz melodiosa,
Uma canção d'amor, uma canção amena.

E como o caminhar do pallio precito,
A lua calma e etherea além se suspendia:
—Era a loura donzella aos braços do infinito,

Continuava o canto em languido compasso...
E, era cada nota, assim, da melodia,
A gotta de um poema a soluçar no espaço.

E era o sabiá esse cantor sonoro
Que do ipê em flôr a sua voz soltava,
Essa voz brasileira, e voz que tanto adoro.

Subito no meu cranco a luz appareceu.
O canto então parou. Minha alma suspirava...
E' que elle repetia estrophes de Dirceu!

ARTHUR T. DUARTE.

1883.

O RIENTAL

(A' FLAVIO GONTRAND.)

Eu só quizera ser sultão potente,
Ter caiks, fakirs; ter diamantes;
Ser senhor poderoso do Oriente,
Ter bellas odaliscas delirantes.

Eu quizera dormir, em noite quente,
Reclinado na flacida ottomana,
E fumando esse opio do oriente,
Tendo ao lado uma huri circassiana.

Quizera ter harens, huris formosas,
Francezas, allemães ou hespanholas
Que fossem na *habanera* donairas
Requebrando ao tanger das castanholas.

Quizera viajar por este mundo
Onde tudo ressumbra poesia,
Onde o amor nos parece mais profundo,
Onde tudo se semelha phantasia.

Si achar u'a mulher que seja bel'a,
Que queira ser huri—serei I van,
E dormirei alegre só com ella
Nos estofos macios do *divan*.

SYLVIO DE LA TOUR.

15-5-83.

A' TARDE

Logo que no *divan* purpureo do poente
O sol se deita em paz—repleto de fulgor,
E o dia vai fugindo assim como da flôr
Se esvâe o doce aroma em ondas no ambiente;

Eu vejo-a passeiando ao longo do pomar
Envolta no roupão nevado como as brumas,
Tão leve... qual passeia um cysne nas espumas
Do lago que enthesoura a prata do luar!...

Batafogo—Maio de 1883.

FAUST MENDES.

LOGOGRIPO

Com tanta amenidade e com doçura... 5. 16. 11. 15. 9. 13. 14. 15. 16.
 Da humanidade eis aqui a luz pujante 10. 11. 15. 9. 13. 11. 15. 16.
 Mostrando d'esta grega a formosura, 1. 6. 8. 15. 13. 9.
 Que teve outr'ora Phaon por seu amante 9. 4. 16. 14. 3.
 Mas, lá do monte ao cimo rutilante, 1. 15. 13. 11. 16. 8. 7.
 N'aquelle de grandissima estatura, 5. 16. 8. 13. 16. 4. 3.
 Mostra a Grecia este genio austero e justo. 5. 2. 7. 11. 15. 3. 13.
 Foi romano cruel, mais que Procusto. 13. 9. 8. 3.

Que em certas regiões do mar se avista,
 E lá no Maracabybo é scintillante
 Enxame de luzernas se afigura,
 Em pleno cemiterio e mui tocante.

L. PESSANHA.

1883

SCIENCIAS

ELECTRICIDADE ATMOSPHERICA

Otto de Guericke e o Dr. Wall, os primeiros que avistaram a faísca electrica, a compararam logo ao clarão do relampago, assemelhando-se ao ruido do trovão o estrepito que faz ouvir.

A analogia era patente, bastava apenas a imaginação para a conhecer; mas para demonstrar a verdade, para achar em um phenomeno tão pequeno, as causas e as leis do maior phenomeno da natureza, era necessaria uma serie de provas que só de um genio superior se poderia esperar.

Entretanto muitos physicos procuravam estas provas em approximações mais ou menos engenhosas, notando uns que a scintilha electrica é curva como o raio, e outros julgavam que o trovão é entre as mãos da natureza o que a electricidade é entre as nossas.

Em 1746, o professor Winckler, de Leipzig, dirigiu sua attenção para a semelhança que existe entre os effeitos da electricidade accumulada pela garrafa de Leyde e os do raio, deduzindo d'esta semelhança um argumento em favor da identidade das causas.

Emfim, tudo era raciocínios que não podiam conduzir a uma conclusão, pois que em physica, a experiencia é que deve servir de base ás conclusões.

Emquanto se raciocinava d'este modo na Europa e em todo o antigo mundo sabio, Franklin que havia reconhecido o poder das pontas para descarregar em distancia os corpos electricos, concebeu a possibilidade de, empregando este meio, fazer descer do céu o raio e interrogal-o sobre sua origem.

Não tendo, porém, na America os meios necessarios ás experiencias, convidou os physicos do Europa a facultal-os.

O primeiro que respondeu a este appello foi Dalibard, physico francez, que mandou construir uma cabana, tendo fixado no seu cimo uma barra de ferro de quarenta pés de comprimento, isolada em sua parte inferior.

Uma nuvem tempestuosa vindo a passar pelo zenith da barra, esta produziu faíscas á approximação do dedo e apresentou todos os outros effeitos que offerecem os conductores electrizados pelas nossas machinas.

Esta experiencia foi feita a 10 de Maio de 1752.

Osapparelhos multiplicaram-se, mas todos tinham um defeito commum—a falta de isolamento de sua base, ficando esta exposta á chuva, dissipando-se assim a electricidade. Canton julgou remediar esta falta, collocando na extremidade inferior da base, uma *chapeleta* de metal que, recobrando o isolador o abrigava da chuva.

Por meio d'este apparelho aperfeiçoado, sendo certas nuvens carregadas de electricidade positiva e outras de negativa, a electricidade do apparelho variava cinco ou seis vezes em trinta minutos.

A chuva e a neve cahindo o electrizavam tambem, dando-se estes phenomenos quer no inverno quer no estio.

Canton, para não ser obrigado a visital-o incessante e muitas vezes inutilmente, imaginou adaptar a elle o *carilhão electrico*.

FLAVIO GONTRAND.

(Continua.)

O HOMEM EU.

(A' Sylvio de La Tour)

— Eu sou o que tu és!

Uma agglomeração de atomos. Materia arremessada das regiões do nada, á esse vulcão—a vida—de onde sahirá por essa cratera a morte.

Eu sou o nada que caminha envolto em pensamentos.

Sou o nada que vive, pensa e tem instracção.

Sou o nada que soffre, enlouquece, e, enquanto contempla as estrellas, caminha no lodo da terra.

Nunca vistes uma caveira arremessando com seus dentes nus uma eterna gargalhada ao mundo—vida?—Pois eu sou aquillo. Nunca vistes as nuvens azuladas condensarem-se, e banidas por um vento que parte do infinito, desfazerem-se em gottas que geladamente cortam as carnes?

Pois eu fui a nuvem, fui banido pelo vento das descrenças e atirado aos seres, ás gottas mais que frigiditas de um materialismo forçado.

Nasci nas nuvens, fui atirado á terra e vou partir para o—nada do nada—.

Sylvio, se não te dás com as minhas idéas, eu só te direi:—E's meu semelhante.

Tenho sómente uma consolação, depois de morto darei vida á muitos animaes inoffensivos, e talvez á algumas d'essas rosas que as mulheres trazem consigo.

Adeus.

— O NADA.

CARTAS A SYLVIO DE LA TOUR

Estando actualmente muito occupado e não podendo absolutamente dispor do tempo, que me é escasso, não me é possível responder-te.

Assim, cedo n'este numero o meu lugar ao Snr. Nada que tambem escreveu-te e addio a minha resposta para o proximo.

FAUSTO MENDES.

EXPEDIENTE

A redacção do *Luctador*, além de franquear as columnas do seu Jornal a quem n'elle quizer collaborar, aceita annuncios commerciaes ou outros quaesquer, mediante o preço de cem reis a linha.

Aquelles senhores que, havendo recebido exemplares do *Luctador* não os devolverem, serão considerados assignantes.